

**Identidade de gênero e sexualidade:
Análise do assassinato de Marielle Franco no O Globo e The Washington Post¹**

Maria Antonia Moráz FIORINI²
Camila Garcia KIELING³

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar como os jornais *O Globo* e *The Washington Post* definiram a sexualidade da vereadora Marielle Franco ao noticiar a sua morte, buscando identificar as marcas identitárias de gênero presentes nestas abordagens midiáticas. Na plataforma online, foram selecionadas uma notícia de cada veículo que mencionasse a orientação sexual de Marielle. O veículo brasileiro a identificou como bissexual e o norte-americano como lésbica.

PALAVRAS-CHAVE: Marielle Franco; Sexualidade; *O Globo*; *The Washington Post*.

1. Introdução

Essa pesquisa busca identificar marcas identitárias de gênero presentes em abordagens midiáticas da morte da vereadora Marielle Franco (PSOL-RJ), ocorrida em 14 de março de 2018, feitas pela mídia brasileira e norte-americana, por meio da análise de notícias divulgadas sobre seu assassinato nos sites dos jornais *O Globo* e *The Washington Post*. Para isso, foram estipulados os seguintes objetivos: a) Mapear as notícias publicadas entre os dias 14 e 23 de março de 2018, disponibilizadas nos sites do *O Globo* e *The Washington Post*; b) Categorizar as notícias; c) Investigar o conteúdo das notícias.

Buscou-se através deste artigo uma maior compreensão da identidade de gênero de Marielle Franco e da representatividade que ela tinha entre as mulheres e LGBTs. Para

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

² Graduada no curso de Jornalismo da Escola de Comunicação, Artes e Design da PUCRS, e-mail: maria.moraz@acad.pucrs.br

³ Orientadora do trabalho. Doutora em Comunicação Social e Professora do curso de Jornalismo da Escola de Comunicação, Artes e Design da PUCRS, e-mail: camila.kieling@pucrs.br

isso, a análise apresentada pretende identificar e comparar os valores identitários de gênero encontrados nos sites do *O Globo* e *The Washington Post*.

A importância deste estudo está baseada na ideia do valor identitário através da representação que Marielle Franco tinha entre a população feminina e LGBT. A pesquisa é útil tanto para o jornalismo como para o campo da sociologia, pois analisa matérias sobre a repercussão da morte de Marielle, figura política mulher, negra, LGBT e periférica em veículos renomados nos âmbitos nacional e internacional e revela as identidades de gênero representadas pela vereadora.

2. Identidade de gênero e sexualidade

A mudança estrutural ocorrida no século XX fragmentou a sociedade em paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, as quais, segundo Hall (2004), passaram a identificar o sujeito no mundo moderno. O autor (2004, p. 11) define, então, identidade como “‘interação’ entre o eu e a sociedade”. Ela precisa ser inserida em um contexto para existir, pois, sozinha, não faz sentido.

A identidade cultural é uma das formas por meio da qual o ser humano se identifica. O gênero também é um modo de identificação, principalmente entre as mulheres, pois o desenvolvimento da figura feminina na sociedade esteve sempre subordinado aos homens. Segundo Colling (2004), essa história tem como fundo uma relação de poder, vista como construção, resultado de interpretações e de representações. Para Biondi e Vaz (2016), a disputa pelo poder e soberania ética provocou as práticas violentas no corpo feminino que passaram a ser assimiladas por uma perversa gramática sociocultural de gênero. As desigualdades entre homens e mulheres, brancos e negros, pobres e ricos, heterossexuais e LGBTs eram as principais causas da luta de Marielle Franco. Essas representações estabeleceram o pensamento simbólico da diferença entre os sexos, na qual as sociedades e civilizações passaram a fazer “um esforço interminável para dar-lhe sentido, interpretá-la e cultivá-la” (COLLING, 2004, p. 17).

As mulheres são sub-representadas na política. De 51 vereadores da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, apenas sete eram mulheres quando Marielle foi assassinada. O homem público participa das decisões de poder, enquanto a mulher é vista como não capacitada, segundo Colling (2004). Apesar da exclusão do feminino do campo político devido às relações de poder, a vereadora Marielle Franco foi a quinta mais votada no município do Rio de Janeiro. O gênero questiona a diferença sexual associada aos papéis

sociais destinados às mulheres e aos homens e a sua condição “é resultante de uma invenção, uma engenharia social e política” (COLLING, 2004, p. 29). O movimento feminista surgiu com proposta igualitária entre os sexos e foi associado ao socialismo. Para Colling (2004), as feministas socialistas insistiam que somente o socialismo podia melhorar a vida da maioria das mulheres. Marielle fazia parte do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) e lutava por melhores condições de vida nas comunidades cariocas.

O sistema codificador, produtor de sentidos, é entendido (BERNARDES; GUARESCHI, 2004, p. 206) “como práticas cotidianas, organizadas e vividas e que não agem especificamente sobre a vida, mas sobre os modos de viver, de se tornar o que se é”. As práticas de significação vão constituir o sujeito na qual a partir da história e cultura, sua consciência envolverá ações, práticas, exercícios sobre as próprias ações. Por sua vez, as ações alheias podem modificar não somente ideias e representações, mas formas do viver. A produção de sujeitos pela cultura implica nas relações de poder (BERNARDES; GUARESCHI, 2004).

3. Sexualidade

Segundo Colling (2004), a diferença entre as próprias mulheres foi uma das marcas da postura diferenciada da proposta igualitária. “A diferença não é contrária à igualdade, mas à identidade” (COLLING, 2004, p. 35). As diferenças não são um problema, a questão é o modo como estão hierarquizadas, segundo a autora (2004). Marielle, além de mulher, era negra e lésbica. Essa questão poderia ser considerada controversa devido o histórico de vida da vereadora, visto que teve um filho com um homem, o casamento com Mônica Benício e pelas lutas que escampava como o Projeto de Lei pelo Dia da Visibilidade Lésbica no Rio de Janeiro, na qual foi reprovado pelos vereadores por 19x17⁴. Aliás, as diferenças só existem se atribuídas a um sujeito quando o relacionamos a um outro que é tomado como referência, segundo Louro (2008). “A diferença é produzida através de processos discursivos e culturais” (LOURO, 2008, p. 22). A noção de gênero foi ampliada, “dando significado aos diferentes atributos culturais designados a cada sexo e ao biológico dos humanos” (PEREIRA, 2004, p. 173). As abordagens da subversão cultural consistem no desvendamento de posições, lugares e papéis desiguais

⁴ MARIELLE FRANCO. Projetos de Lei. Disponível em: <<https://bit.ly/2NXzdRS>> Acesso em: 14 mar. 2019.

e subalternos das mulheres na sociedade. Contrapondo-se ao sistema sexo/gênero, algumas teóricas feministas reivindicam o simbólico em seus aspectos culturais, sociais e econômicos e deixam de lado a diferenciação do natural e biológico, segundo Pereira (2004). Portanto, a cultura passa a ser constituinte do sujeito e do conhecimento. Para Bernardes e Guareschi (2004), a cultura transforma as formas de conhecimento e conceptualizações que modificam a própria experiência do real. Para os autores (2004, p. 202) é tomada como práticas sociais que “instituem modos de viver, de ser, de compreender, de explicar a si mesmo e o mundo”.

Para Louro (2007), as formas de viver a sexualidade, de experimentar prazeres e desejos, precisam ser compreendidas como problemas ou questões da sociedade e da cultura. No âmbito da cultura e da história, segundo Louro (2007), os gêneros e sexualidades são compreendidos quando implicados ao poder que pode ser pensado como disseminado, multifacetado e produtivo. “A sexualidade é um constructo histórico, como sendo produzida na cultura, cambiante, carregada da possibilidade de instabilidade, multiplicidade e provisoriedade” (LOURO, 2007, p. 210).

4. Mulheres na política brasileira: Marielle Franco

Mulher negra, lésbica, mãe, nascida na favela da Maré, Marielle Franco, candidata pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), foi a quinta vereadora mais votada no Rio de Janeiro nas eleições de 2016. Dois dias depois da Intervenção Federal do Rio de Janeiro completar um mês, ela e o motorista Anderson Gomes foram mortos com 13 tiros após saírem de um evento no centro da cidade. Defensora dos direitos humanos, no dia 28 de fevereiro de 2018 a vereadora foi nomeada relatora da Comissão que iria acompanhar a Intervenção. Socióloga com mestrado em Administração Pública, coordenou a Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj), ao lado de Marcelo Freixo. Marielle iniciou sua militância em direitos humanos após ingressar no pré-vestibular comunitário e perder uma amiga, vítima de bala perdida, num tiroteio entre policiais e traficantes no Complexo da Maré⁵. Ela foi um símbolo na luta pelos direitos humanos, porém, era desconhecida do eleitorado de fora do Rio de Janeiro. O trabalho da vereadora Marielle Franco beneficiou as minorias, principalmente nas favelas. Trabalhou em organizações como a

⁵ Quem é Marielle? Disponível em: <<https://bit.ly/2IxzqK0>> Acesso em: 26 ago. 2018.

Brasil Foundation e o Centro de Ações Solidárias da Maré (Ceasm). Pela sua identidade, lutou por melhores condições de vida nas comunidades do Rio de Janeiro.

Reconhecida pela sua luta em defesa de grupos sociais marginalizados, a vereadora obteve relevância na política carioca uma vez que foi a única parlamentar na Câmara Municipal de Vereadores defensora dos direitos humanos. Sua identidade minoritária desencadeia discussões acerca do racismo, feminismo e da lesbofobia na sociedade brasileira. O impacto de sua morte causou revolta e tristeza na sociedade carioca e se alastrou para o resto do Brasil e do mundo. O peso da morte de Marielle na política brasileira provocou o governo, principalmente aqueles que eram contra os seus ideais. Diversos protestos pelo Brasil foram organizados no dia seguinte da sua morte⁶ Também foram registradas manifestações em Portugal⁷ e em Nova York⁸.

5. Metodologia

Os objetos de estudo deste artigo são duas matérias, sendo uma do jornal *O Globo* (OG) e outra do *The Washington Post* (TWP), publicadas, respectivamente, nos dias 16 de março de 2018 e no dia 19 de março de 2018. O período escolhido para a seleção das matérias foi de uma semana após o dia da morte de Marielle (14 março) para que pudéssemos captar a repercussão, sendo assim, foram selecionados conteúdos jornalísticos a partir do dia 14 de março até o dia 21 de março. No período escolhido para análise de conteúdo desta pesquisa, o site *O Globo* publicou mais de 30 matérias relacionadas ao caso de Marielle Franco, enquanto que o *The Washington Post* postou somente duas. Foram selecionadas uma matéria de cada site que falasse sobre a orientação sexual de Marielle Franco. Portanto, foram escolhidas as matérias “Mulher, negra, favelada, bissexual, pensadora. Marielle Franco era muitas”⁹ de *O Globo* e “Uma mulher

⁶ Manifestantes protestam pelo país contra a morte de Marielle Franco. Disponível em: <<https://glo.bo/2FDVjcM>> Acesso em: 26 ago. 2018.

⁷ Manifestantes protestam em Portugal contra a morte de Marielle. Disponível em: <<https://glo.bo/2MQgG9s>> Acesso em: 26 ago. 2018.

⁸ Nova York tem manifestação em homenagem a Marielle. Disponível em: <<https://glo.bo/2NWw4pG/>> Acesso em: 26 ago. 2018.

⁹BRISO, Caio Barretto. BACELAR, Carina. Mulher, negra, favelada, bissexual, pensadora. Marielle Franco era muitas. *O Globo Rio* [online]. 16 mar. 2018. Disponível em: Acesso em: 1 mar. 2019.

negra política foi morta a tiros no Rio. Agora ela é um símbolo global”¹⁰ (tradução da autora) do *The Washington Post*.

A metodologia utilizada na pesquisa foi a análise de conteúdo. “Esta, pretende tomar em consideração a totalidade de um texto, passando-o pelo crivo da classificação e do recenseamento, segundo a frequência de presença (ou de ausência) de itens de sentido” (BARDIN, 1977, p. 37). Para a análise, foram levados em consideração o sexo dos redatores das matérias e a definição da sexualidade de Marielle. Dessa forma, será feita uma análise comparativa entre as duas matérias sobre o gênero e a sexualidade abordados.

6. Análise

A primeira matéria, “Mulher, negra, favelada. Bissexual, pensadora. Marielle Franco era muitas” do OG, assinada por Caio Barretto Briso e Carina Bacelar, repórteres locais da matriz da redação, mostra o impacto da morte de Marielle para a sociedade carioca a partir das falas de pessoas próximas a ela. Nas palavras de Dida, vencedora da medalha Chiquinha Gonzaga, “Como é linda”. O garçom André Meirelles, do restaurante que frequentava, “Ela era muito humilde, bebia com os outros clientes, conversava com todos”. A irmã mais nova, Anielle Silva, “A Maré chora, o Rio chora, o Brasil inteiro chora”. O orientador de monografia da PUC-Rio, Ricardo Ismael, “Foi na PUC que a liderança dela começou. Era algo natural, porque ela tinha luz própria, carisma, que fazia as pessoas a seguirem”. A filha de 19 anos, em anonimato, “Mataram minha mãe e mais 46 mil eleitores. Nós seremos resistência porque você foi luta. Te amo!”. O vizinho Jaime Lino de Castro, “Era uma vizinha excelente, sempre que fazia churrasco, ela me convidava”. Já no vídeo “O adeus a Marielle”, é possível perceber a representatividade que a vereadora tinha entre a sociedade carioca por meio das pessoas que se encontravam no velório. É interessante observar a diversidade da população presente, o que revela que Marielle fazia política para todos e todas. Além disso, todos os depoimentos falaram sobre a representatividade de Marielle na sociedade, como evidenciado no trecho da quarta fonte: “Ela tem o retrato das pessoas que tão aqui, você olha e parece que conhece todo mundo. Você consegue se ver no local do outro. Ela luta como mulher, como negra”

¹⁰ FAIOLA, Anthony. LOPES, Marina. *A black female politician was gunned down in Rio. Now she's a global symbol*. The Washington Post [online]. 19 mar. 2018. Disponível em: Acesso em: 1 mar. 2019.

(Cristiane Santana, assistente social). A matéria é encerrada com os dizeres de Marielle no aniversário da cidade do Rio de Janeiro: “Parabéns para essa cidade que, infelizmente, tem sido tão maltratada historicamente. E que quanto mais parece estar abandonada, mais fica hostil às mulheres e à população negra. Que nos próximos aniversários comemoemos como realmente gostaríamos: com um Rio para todas e todos” que retrata a luta de Marielle por uma sociedade igualitária para as mulheres e população negra. À respeito da sexualidade dela, como mencionado no título, a matéria a identifica como bissexual.

O texto do jornal norte-americano *The Washington Post* “Uma mulher negra política foi morta a tiros no Rio. Agora ela é um símbolo global” (tradução da autora) é assinado por Anthony Faiola e Marina Lopes. A reportagem aborda a questão identitária e em seguida a comoção em torno da raça para a realização de protestos. Como disse a dançarina Rubia Augusta Gomes “Uma mulher negra estava falando e clamando por direitos, e ela foi morta porque ela estava condicionada a isso” (tradução da autora). Em sua maior parte, a matéria retrata a identidade negra de Marielle, mas ao final, fala sobre a representatividade dela entre as ativistas lésbicas de esquerda e relata que essas pessoas estão se mobilizando para continuar a luta da vereadora por uma sociedade mais igualitária.

7. Análise comparativa e considerações finais

É possível identificar já no título da matéria “Mulher, negra, favelada. Bissexual, pensadora. Marielle Franco era muitas” que *O Globo* a define como bissexual. Percebe-se que a definição de Marielle como bissexual se dá pelo fato de ela já ter sido casada com um homem com quem teve uma filha e que, quando foi assassinada, estava morando junto com a sua esposa. Já na matéria do *The Washington Post* “Uma mulher negra política foi morta a tiros no Rio. Agora ela é um símbolo global” (tradução da autora), quanto à orientação sexual de Marielle, o veículo norte-americano a identifica como lésbica. Percebe-se que o jornal tenha chegado a essa definição devido ao fato de que quando foi assassinada, Marielle estava casada com Mônica Benício.

A questão da identidade de gênero é lembrada a partir da luta de Marielle pelo direito das mulheres nos dois veículos. Segundo Colling (2004), gênero é um modo de

identificação, principalmente entre as mulheres, pois o desenvolvimento da figura feminina na sociedade esteve sempre subordinado aos homens e tem como fundo uma relação de poder, vista como construção, resultado de interpretações e de representações. Quanto à questão da orientação sexual da vereadora, a definição diverge entre os jornais brasileiro e norte-americano pois o primeiro a identifica como bissexual e no segundo a define como lésbica. A autora deste artigo acredita que Marielle associava-se a uma identidade lésbica, pois ela propôs projetos voltados a esta comunidade e o site *The Washington Post* também a identifica dessa forma. É possível que *O Globo* tenha interpretado Marielle como bissexual devido ao fato de ela já ter sido casada com um homem com quem teve uma filha, e que, quando foi assassinada, era casada com uma mulher. A confusão de termos e definições sobre a sexualidade da vereadora tanto no veículo jornalístico brasileiro quanto norte-americano revela a falta de informação e preparo dos veículos jornalísticos para noticiar a morte de membros da comunidade LGBT.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BERNARDES, Anita Guazelli; GUARESCHI, Neuza. A cultura como constituinte do sujeito e do conhecimento. In: STREY, Marlene N.; CABEDA, Sonia T. Lisboa; PREHN, Denise R. (Org.). **Gênero e cultura: questões contemporâneas**. Porto Alegre: Edipucrs, 2004, pp.199-222.

BRISO, Caio Barretto. BACELAR, Carina. Mulher, negra, favelada, bissexual, pensadora. Marielle Franco era muitas. *O Globo Rio* [online]. 16 mar. 2018. Disponível em: Acesso em: 1 mar. 2019.

COLLING, Ana. A construção histórica do feminino e do masculino. In: STREY, Marlene N.; CABEDA, Sonia T. Lisboa; PREHN, Denise R. (Org.). **Gênero e cultura: Questões contemporâneas**. Porto Alegre: Edipucrs, 2004, pp. 13-38.

FAIOLA, Anthony. LOPES, Marina. *A black female politician was gunned down in Rio. Now she's a global symbol*. *The Washington Post* [online]. 19 mar. 2018. Disponível em: Acesso em: 1 mar. 2019.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Dp&a, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 46, n. 46, p. 201-218, dez. 2007.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-posições**, Campinas, v. 19, n. 2 (56), p.17-23, mai. 2008.

MANIFESTANTES protestam em Portugal contra a morte de Marielle. **G1**. Disponível em: <<https://glo.bo/2MQgG9s>> Acesso em: 11 mar. 2019.

MANIFESTANTES protestam pelo país contra a morte de Marielle Franco. **G1**. Disponível em: <<https://glo.bo/2FDVjcM>> Acesso em: 11 mar. 2019.

MARIELLE FRANCO. Projetos de Lei. Disponível em: <<https://bit.ly/2NXzdRS>> Acesso em: 14 mar. 2019.

MARIELLE FRANCO. Quem é Marielle? Disponível em: <<https://bit.ly/2IxxqK0>> Acesso em: 11 mar. 2019.

NOVA York tem manifestação em homenagem a Marielle. **G1**. Disponível em: <<https://glo.bo/2qV0DyO>> Acesso em: 11 mar. 2019.

PEREIRA, Verbena Laranjeira. Gênero: dilemas de um conceito. In: STREY, Marlene N.; CABEDA, Sonia T. Lisboa; PREHN, Denise R. (Org.). **Gênero e cultura: Questões contemporâneas**. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.

VAZ, P. B. F. & BIONDI, A. G. Silêncio visual e gritos verbais nas narrativas jornalísticas do feminicídio. In: M. L. Martins; M. L. Correia; P. Bernardo Vaz & Elton Antunes (Eds.), **Figurações da morte nos mídia e na cultura: entre o estranho e o familiar**. Braga: CECS, 2016, pp. 71-86.